

JUNTA-TE
JUNTA-TE
JUNTA-TE
JUNTA-TE
JUNTA-TE
AO BLOCO



bloco.org/adere



Foto: Paula Nunes

Todas e todos somos necessários para uma esquerda mais forte, que coloque no centro da política a dignidade de todas as pessoas, a justiça na economia, a responsabilidade ambiental.

Junta as tuas ideias ao Bloco de Esquerda, inscreve-te e participa connosco na construção de uma alternativa socialista e popular.

CATARINA MARTINS



Foto: Carlos Barros, Lusa

AS VACINAS SÃO UM BEM COMUM, NÃO SERVEM PARA DAR LUCROS

O sistema de patentes privadas está a atrasar a vacinação e a criar graves desigualdades. Portugal deve lutar para poder produzir vacinas e importar as que entender.

Depois de financiarem a descoberta das vacinas com investimento público, os Estados deixaram as patentes nas mãos das gigantes farmacêuticas. O ritmo de produção ficou subordinado ao interesse destas, a maximização de um negócio sem precedentes. Mal anunciou o sucesso nos ensaios da sua vacina, o presidente da Pfizer vendeu parte das suas ações, ganhando quatro milhões de dólares num dia. A Moderna e a Pfizer prometeram aos seus acionistas encaixes entre 5 e 15 mil milhões.

Hoje, a Comissão Europeia encontra-se na humilhante posição de mendigar as vacinas contratadas com as empresas que financiou. No primeiro trimestre, as farmacêuticas entregaram a Portugal menos de metade das vacinas previstas. Os cidadãos pagaram e agora os Estados não decidem. Um negócio que demonstra o resultado do liberalismo, da captura das instituições e da incompetência pura.

As patentes das vacinas devem ser quebradas e divulgadas.

Em vez de secretas e privadas, as fórmulas das vacinas devem ser públicas e divulgadas, para que toda a capacidade de produção possa ser utilizada.

ONU CRITICA "CATASTRÓFICA FALÊNCIA MORAL"

Já morreram mais de dois milhões de pessoas por causa da covid, fora as que não entram nas estatísticas. Essas vidas valem mais do que os lucros deste negócio.



Foto: Eduardo Costa, Lusa

Bloco

AS VACINAS NÃO SERVEM PARA DAR LUCROS

→ PÁG 4

MARÇO 2021 • DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PODEMOS CORTAR 7000 MILHÕES NA RESPOSTA À CRISE?

ANTÓNIO COSTA NÃO GASTOU PARTE DO ORÇAMENTO QUE PODIA TER ALIVIADO AS PESSOAS.



Foto: André Koster, Lusa

Quando o Orçamento para 2020 foi aprovado, ainda ninguém podia adivinhar a pandemia. E assim, a meio do ano passado, foi necessário dar ao Governo mais recursos para a resposta de saúde e os apoios sociais. No Parlamento, o Bloco de Esquerda ajudou a viabilizar esse orçamento adicional.

Sabe-se agora que o Governo não usou esses recursos. Na realidade, não chegou a gastar sequer o que já tinha orçamentado antes de chegar a pandemia.

PORTUGAL É DOS QUE MAIS PRECISA MAS MENOS INVESTE.

Ao todo, são quase 7000 milhões de euros que o governo considerou necessários, orçamentou, mas não usou. É o mesmo valor que gastamos no sistema escolar durante um ano.

Esse valor poderia ter sido aplicado em produtos de saúde, aquecimento e materiais para as escolas, reforço pontual de pessoal nos lares, escolas e hospitais, ou apoios sociais para quem está em isolamento ou perdeu o rendimento.

Esta contenção orçamental é um caso extremo na Europa. Portugal é dos países da Zona Euro que em 2020 e 2021 menos gastam a contrariar os efeitos da pandemia. O preço dessa opção é pago em pobreza, desigualdades e degradação dos serviços públicos.

Nas negociações com o Bloco, o governo recusou apoios sociais mais fortes em 2021, medidas efetivas de reforço do SNS ou maior alcance para o subsídio de risco aos profissionais da linha da frente. Mas o governo sabia que tinha nos cofres uma gigantesca folga financeira que permitiria essas medidas.

Se toda a esquerda tivesse sido firme, teria sido possível um orçamento a favor das prioridades que protegem o país. Em tempo de crise, esta política faz a vida das pessoas mais difícil.

PARLAMENTO APROVA DESPENALIZAÇÃO DA MORTE ASSISTIDA

O Bloco de Esquerda saúda a aprovação da despenalização da morte assistida. Um amplo movimento de unidade pela tolerância e pelo respeito dos direitos de cada pessoa soube triunfar no parlamento e, mais que isso, ganhar a grande maioria da sociedade portuguesa para esta causa. Na votação, o CDS, PCP e Chega votaram contra.



Foto: Carlos Santos, Lusa

O coordenador bloquista João Semedo, já falecido, foi o grande impulsionador deste processo de mudança.

